

É a transformação de Jesus Cristo em cristianismo, da relação fraterna em instituição, da revelação em religião, da palavra em coisa, é a tomada de posse daquilo que não nos pertence. É a instalação enquanto estávamos a caminho. Isto é, o que deveria ter sido questionado e obtido vitória sobre o que caracteriza nosso mundo foi finalmente subordinado ao espírito deste mundo, o poderio, o sucesso, o dinheiro, a eficácia e ao mesmo tempo o desespero. Mas precisamente, ainda que tenha sido assim, porque a esperança está no âmago da verdade cristã, respondo simplesmente: "Não é obrigatório que seja sempre assim." Podemos começar a viver essa realidade nova (e há sinais, já disse!). O homem cristão pode tornar-se a alavanca.

Quanto ao ponto de apoio, ele não mudou. Pois o homem pode proclamar que Deus está Morto, em que é que isso incomodará a Deus, se ele é Deus? Não foi hoje que essa pequena pretensão humana viu a luz: no século VII antes de Jesus Cristo, 2.500 anos antes de Nietzsche, Rabschake dissera isso. O ponto de apoio é fiel, imutável, suficientemente sólido na medida em que ele é o Todo Outro.

Talvez possamos ingressar no princípio de uma era em que, enfim, a escravidão e o proletariado venham a acabar, pois o Deus de Abraão, de Isaque, de Jacó, de Jesus Cristo é, e ele é o *Libertador*. Que o homem entre verdadeiramente no derradeiro risco de jogar sua partida com ele, e todas as coisas penúltimas mudam, e o inelutável proletariado desaparecerá nesse imenso movimento.